

PMDB e governo

Sociedade
política

O líder do governo na Constituinte, deputado Carlos Sant'Anna, afirmou, ontem, que a cúpula do PMDB não deverá indicar nenhum nome para substituir o ex-ministro Bresser Pereira na Pasta da Fazenda. Disse, no entanto, que entre não participar do processo de escolha do novo ministro e romper com o governo, segundo vem pregando o grupo histórico do partido, "há uma grande diferença".

Carlos Sant'Anna considera "flores do recesso" as recentes declarações dos senadores Fernando Henrique Cardoso e Mário Covas, e de representantes do Movimento de Unidade Progressista do PMDB-MUP — a favor do afastamento do governo. Segundo o parlamentar, romper com o governo é uma atitude complexa, pois não somente envolve a manifestação do diretório nacional, como a concordância das suas principais lideranças e dos 22 governadores.

Isto porque, argumentou o líder governista, além do fato de os 22 governadores peemedebistas manterem estreitas ligações administrativas com o governo, dos 23 ministros civis, o partido tem 17 e mais de 70% dos cargos do primeiro escalão e dos postos federais nos Estados. Na sua opinião, essa situação partidária não facilita um rompimento com o governo, o que contrariaria muitos interesses.

Carlos Sant'Anna não levou a sério as declarações dos históricos do PMDB em favor do rompimento, preferindo considerar que eles estão procurando ocupar espaço durante o recesso parlamentar, "não sómente para ficar numa boa situação junto ao eleitorado, como pelo fato de os líderes do movimento serem candidatos à Presidência da República, não podendo adotar outro tipo de discurso no atual momento".

Para o líder governista, esses candidatos, entre os quais citou Fernando Henrique Cardoso e Mário Covas, estão vivendo um grande dilema, pois sabem que ninguém conseguirá vencer o deputado Ulysses Guimarães na convenção que for escolher o concorrente do partido ao cargo e, ao mesmo tempo, que será muito difícil a sobrevida da política em outra legenda.

Carlos Sant'Anna acha que esses peemedebistas, não têm para onde ir em termos políticos, com condições de enfrentar a candidatura do ex-governador Leonel Brizola. "O que não significa que o deputado Ulysses Guimarães não possa vencê-lo na disputa pela presidência da República."

O líder governista acha também que a tese do parlamentarismo já está praticamente sepultada, sendo também quase certa a aprovação de um mandato de cinco anos para o presidente José Sarney.

De qualquer forma, ele prefere não arriscar previsões, observando que "a poeira deve a-sentar até janeiro", quando acredita será possível prever qual a atitude que o PMDB vai tomar com relação ao governo.

Outras causas

Se ocorrer um rompimento formal do PMDB com o governo, o pretexto pode ser a queda do ministro da Fazenda, Bresser Pereira, mas as causas são muitas, nenhuma, no entanto, tão preponderante quanto a própria conduta do presidente José Sarney, que, há tempo, vem prescindindo do apoio partidário, agindo e decidindo como se o partido não desse participar do governo.

Essa colocação foi feita ontem em Brasília pelo deputado Daso Coimbra, conhecido pelos levantamentos de números que costuma realizar às vésperas de votações no Congresso Nacional. Ele diz, no entanto, que a questão de um eventual rompimento peemedebista com o governo não é mais do que a repetição de manifestações de uma ala do partido que, em determinadas ocasiões, como agora na demissão de Bresser, sempre prega um comportamento mais independente para o PMDB.

Daso Coimbra ainda não fez uma análise sobre esses descontentamentos. Mas ele próprio admite que, no fundo, o culpado por um distanciamento dos peemedebistas é o próprio presidente da República, principalmente pela sua insistência em buscar apoio em outras áreas.